

Caras leitoras e caros leitores,

A **Revista de História** apresenta-lhes agora uma nova edição, que reúne os números 1 e 2 do volume 5, referente ao ano de 2013. Este não foi um ano fácil para o nosso periódico. Novamente, enfrentamos diversas dificuldades para obter o financiamento necessário para concluir este número que teve de se fazer duplo com a manutenção da qualidade editorial e gráfica que tanto prezamos. Não obstante, apesar destes percalços, este volume reúne artigos instigantes, de enorme variedade temática, percorrendo diversos contextos históricos. Destacamos ainda a diversidade dos autores que compõem este volume, oriundos de vários cantos e com titulações diversas.

O presente número inicia com uma incursão pelo mundo antigo, em especial, a Mesopotâmia. Através da análise de um texto literário sumeriano e da figura da deusa Inanna-Ishtar, Simone Aparecida Dupla nos traz um interessante estudo sobre a religiosidade, política e sexualidade. Do mundo antigo ao medieval, Elaine Senko examina o uso da “justiça” como virtude norteadora da política de Alfonso X (1221-1284), rei castelhano, e na composição legislativa no seu reinado.

Adentramos no universo da América portuguesa a partir de dois artigos. O primeiro, de autoria de Cássio Bruno de Araújo Rocha, discute as identidades masculinas a partir dos depoimentos obtidos durante a Primeira Visitação do Santo Ofício à Bahia e das faltas confessadas, como sodomia e feitiçaria. O segundo, de Felipe Augusto Barreto Rangel, ainda sob a perspectiva das religiosidades no mundo colonial, investiga o culto da Eucaristia e suas ressignificações no mundo colonial.

Esta edição conta ainda com uma gama de artigos que propõem diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Através do texto de Zoltan Paulinyi, vemos o estudo da música como veículo da análise histórica a partir do Conservatório de Paris, fundado em 1795. No artigo “A guerra dos jagunços”, Flávio Giarola examina as representações da Guerra de Canudos e da figura do sertanejo construídas pelo literato e jornalista Afonso Arinos.

Já Christiane Peres Pereira foca a sua atenção no jornal *O Brasileiro Imparcial* e no seu redator Joaquim José Maia, investigando aspectos da cultura política que marcaram o Rio de Janeiro de 1830. A política brasileira igualmente entra em cena com o artigo de Raquel Oliveira Silva, o qual investiga a composição dos Comitês Populares Democráticos em Salvador nos anos de 1945 a 1947. Compreender a participação de diferentes grupos sociais, especialmente da juventude e das mulheres é o seu principal intuito. Numa análise em longa duração, Giuseppe Federico Benedini realiza um estudo sobre o processo de imigração italiana ao longo da história da Bahia.

A articulação de historiografia, gênero e literatura emerge no artigo de Natália de Santanna Guerellus, que problematiza a produção literária feminina no Brasil com foco para a trajetória de Rachel de Queiroz, contribuindo para os estudos sobre história e literatura. Tendo em foco a história das mulheres e da educação, contamos ainda com a análise sobre a “feminização” do magistério em Pernambuco, em fins do XIX, empreendida por Flávia Braga.

Acerca do mundo escravocrata e pós-abolicionista dos oitocentos, este volume apresenta dois diferentes estudos. Enquanto Rafael Domingos analisa, por meio dos relatos de viajantes que passaram pelo Brasil neste período, a figura da criança escrava, descortinando temas relacionados a sua escravidão e cotidiano, Karla Leandro Rascke busca reconstruir as experiências dos africanos e dos afro-descendentes nas primeiras décadas pós-abolição na cidade de Florianópolis.

Esse número também lança um olhar à margem da sociedade urbana através de duas instigantes análises. Visões jornalísticas sobre a beberagem pública em Fortaleza nos inícios do século XX são discutidas por Raul Max Costa, que se propõe analisar o papel da imprensa e do poder judicial no processo “moralizante” e “civilizacional”. De Fortaleza ao interior da Bahia, mais precisamente a Itabuna, Erahsto Felício de Sousa traça um perfil social das maltas e ladrões, estabelecendo, consoante o próprio autor, uma história social do crime.

Neste número contamos ainda com três artigos que discutem a escrita da história e historiografia: o primeiro, de Renato da Silva Melo, defende a descontinuidade no discurso historiográfico e como esta noção tornou-se crucial nas produções de Michel Foucault e Walter Benjamin. O segundo investiga as narrativas ficcional e histórica no discurso literário, centrando-se nas obras de Machado de Assis e de Sidney Chalhoub para discutir em que medida pode-se entender o literato como historiador, tese defendida por Chalhoub. O último desta tríade, de autoria de José D'Assunção Barros, problematiza as descontinuidades e permanências entre a terceira e as duas primeiras gerações da Escola dos Annales.

Contamos ainda com duas resenhas. A primeira, escrita por Daniele Santos de Souza, destrincha o estudo *Cross-cultural exchange in the Atlantic world: Angola and Brazil during the era of the slave trade* de Roquinaldo Ferreira, do qual uma tradução para o português já está sendo preparada. A segunda, de autoria de Rodrigo Conçole Lage, examina a obra de Maria Secreto, *(Des)medidos: a revolta dos quebra-quilos (1874-1876)*, uma importante e pouco estudada passagem das resistências ao processo de modernização brasileira nas últimas décadas do Império.

O ano de 2013 foi marcado por perdas importantes para nossa disciplina, e queremos deixar registrada aqui nossa homenagem. No cenário baiano, perdemos, além de um importante historiador, um grande militante e incentivador da produção histórica e da cultura baiana. Ubiratan de Castro Araújo (para os mais próximos, “Bira” ou “Professor”), era diretor da Fundação Pedro Calmon, e em mais de uma ocasião contribuiu diretamente para a publicação deste periódico. Também Consuelo Novais Sampaio, estudiosa da Bahia republicana, deixou-nos. Mas não poderíamos deixar de mencionar também a partida súbita de John Manuel Monteiro, dinamizador inigualável da história indígena no Brasil, além de Ciro Flamorian Cardoso, estudioso da história antiga, Jacob Gorender, ícone dos estudos sobre a escravidão no Brasil, e Eric Hobsbawn, historiador atento da época contemporânea e autor de célebres obras. Recentemente, tivemos outra grande perda: Jacques Le Goff, ilustre medievalista francês. Nosso caminho fica um pouco mais triste sem eles.

Esta edição se tornou possível devido a diversos apoios. Em primeiro lugar, indicamos o apoio financeiro da Fundação Clemente Mariani. A esta fundação deixamos nosso agradecimento pelo apoio dado a iniciativas como esta e à produção acadêmica e histórica na Bahia, em geral. Agradecemos igualmente ao Conselho Editorial da Revista História que encarou o desafio de concluir com as “próprias mãos” a revisão e a normalização deste volume, tornando, assim, possível a sua publicação. É necessário, ainda, agradecer aos autores que contribuíram para este volume, por terem submetido seus trabalhos à nossa apreciação e por terem aguardado pacientemente a sua publicação.

Aos nossos leitores, desejamos uma ótima degustação deste novo volume e convocamo-los a igualmente contribuir com a nossa **Revista de História**, enviando artigos e resenhas de sua autoria, além de sugestões e colaborações que ajudem a manter este projeto vivo.

Boa leitura!